

## **Ansiidade pré-competitiva em atletas de voleibol amador** **Pre-competitive anxiety in amateur volleyball athletes** **Ansiedad precompetitiva en atletas de voleibol amateur**

Luiz Gustavo da Silva Silva, Rodrigo Weyll Ferreira, Jhonatan Wellington Pereira Gaia, Daniel Alvarez Pires  
Universidade Federal do Pará (Brasil)

**Resumo.** A relação entre as variáveis psicológicas e sua influência no contexto esportivo tem sido objeto de estudo para a psicologia do esporte. Dentre os aspectos psicológicos que podem influenciar o desempenho esportivo de um atleta está a ansiedade competitiva. No entanto, ainda não há um consenso em relação à percepção da ansiedade competitiva no vôlei e o efeito da variável sexo. Diante disto, os objetivos do estudo foram: 1) identificar as dimensões de ansiedade (ansiedade cognitiva, ansiedade somática e autoconfiança) mais percebidas entre os atletas amadores de vôlei nos seus níveis de resposta intensidade, direção e frequência e 2) analisar o efeito da variável sexo na percepção das dimensões da ansiedade. Participaram do estudo 62 atletas amadores de voleibol, sendo 25 homens e 37 mulheres que disputaram o Campeonato Intermunicipal de Voleibol, rodada válida pela fase classificatória. Os participantes responderam a versão em idioma português do questionário *Competitive State Anxiety Inventory – 2 (CSAI-2R)*, composto por 16 itens que medem as três dimensões da ansiedade: Ansiedade cognitiva, Ansiedade Somática e Autoconfiança dentro dos 3 níveis de resposta: intensidade, direção e frequência. De modo geral, foram encontradas diferenças significativas nas 3 dimensões de resposta do construto. A autoconfiança foi mais percebida que a ansiedade cognitiva e a ansiedade somática na intensidade, direção e frequência. De acordo com os resultados desse presente estudo, é possível concluir que a dimensão da ansiedade mais percebida pelos atletas amadores de vôlei nas três dimensões de resposta foi a autoconfiança. Por fim, não foram observadas diferenças em nenhuma dimensão de resposta em relação à variável sexo.

**Palavras-chave:** Ansiedade pré-competitiva; Autoconfiança; Esporte; Voleibol; Psicologia do esporte.

**Abstract.** The relationship between psychological variables and their influence on the sporting context has been the object of study for sport psychology. Among the psychological aspects that may influence an athlete's athletic performance is competitive anxiety. However, there is still no consensus regarding the perception of competitive anxiety in volleyball and the effect of the gender variable. Therefore, the objectives of the study were to 1) identify the dimensions of anxiety (cognitive anxiety, somatic anxiety, and self-confidence) most commonly perceived by amateur volleyball players in terms of intensity, direction, and frequency, and 2) analyze the effects of the gender variable on perceptions of the dimensions of anxiety. Sixty-two amateur volleyball players participated in the study, 25 men and 37 women who participated in the inter-municipal volleyball championship, a round valid for the qualification phase. Participants answered the Portuguese version of the Competitive State Anxiety Inventory - 2 (CSAI-2R) questionnaire, which consists of 16 items measuring the three dimensions of anxiety: Cognitive Anxiety, Somatic Anxiety, and Self-Confidence in the three response levels: Intensity, Direction, and Frequency. Overall, significant differences were found in the 3 response dimensions of the construct. Self-confidence was perceived more strongly than cognitive anxiety and somatic anxiety in terms of intensity, direction, and frequency. The results of this study suggest that the dimension of anxiety perceived most strongly by amateur volleyball players in the 3 response dimensions is self-confidence. Finally, no differences were found in any of the response dimensions in relation to the gender variable.

**Keywords:** Pre-competitive anxiety; Self-confidence; Sport; Volleyball; Sport psychology.

**Resumen.** La relación entre las variables psicológicas y su influencia en el contexto deportivo ha sido objeto de estudio de la psicología del deporte. Entre los aspectos psicológicos que pueden influir en el rendimiento deportivo de un deportista se encuentra la ansiedad competitiva. Sin embargo, aún no existe un consenso respecto a la percepción de la ansiedad competitiva en voleibol y el efecto de la variable sexo. Por tanto, los objetivos del estudio fueron: 1) identificar las dimensiones de ansiedad (ansiedad cognitiva, ansiedad somática y autoconfianza) más percibidas entre los deportistas amateurs de voleibol en sus niveles de respuesta, intensidad, dirección y frecuencia y 2) analizar el efecto de la variable de género sobre la percepción de las dimensiones de la ansiedad. En el estudio participaron 62 deportistas amateurs de voleibol, 25 hombres y 37 mujeres que compitieron en el Campeonato Intermunicipal de Voleibol, ronda válida para la fase clasificatoria. Los participantes respondieron la versión en portugués del cuestionario Competitive State Anxiety Inventory - 2 (CSAI-2R), que consta de 16 ítems que miden las tres dimensiones de la ansiedad: Ansiedad Cognitiva, Ansiedad Somática y Autoconfianza, dentro de los 3 niveles de respuesta: intensidad, dirección y frecuencia. En general, se

encontraron diferencias significativas en las 3 dimensiones de respuesta del constructo. La autoconfianza fue más percibida que la ansiedad cognitiva y la ansiedad somática en términos de intensidad, dirección y frecuencia. Los resultados del presente

---

Fecha recepción: 02-02-22, Fecha de aceptación: 23-07-22  
Rodrigo Weyll Ferreira  
rodrigo.weyll.ferreira@castanhal.ufpa.br

estudio permiten concluir que la dimensión de ansiedad más percibida por los deportistas amateurs de voleibol en las tres dimensiones de respuesta fue la autoconfianza. Finalmente, no se observaron diferencias en ninguna dimensión de respuesta en relación con la variable sexo.

**Palabras clave:** Ansiedad precompetitiva; Confianza en uno mismo; Deporte; Voleibol; Psicología del deporte.

## Introdução

A busca por melhores resultados no âmbito esportivo, independentemente da modalidade, faz com que muitos atletas cheguem ao seu limite físico e mental (Şekeroğlu, 2019). Dessa forma, o desempenho de um atleta é afetado por fatores físicos e por aspectos psicológicos que desempenham um papel importante em seu rendimento (Kemarath et al., 2022; Peng & Zhang, 2021). Sendo assim, a capacidade de manter um estado psicológico adaptativo e estável durante os períodos de competição é um fator importante a ser considerado pelos atletas (González-Hernández et al., 2020).

Diante disto, a relação entre as variáveis psicológicas e sua influência no contexto esportivo tem sido objeto de estudo para a psicologia do esporte (Nogueira, Filho & Lourenço, 2019). Dentre os aspectos psicológicos que podem influenciar o desempenho esportivo de um atleta está a ansiedade competitiva (Peng & Zhang, 2021). A ansiedade competitiva é definida como um estado emocional em que o atleta percebe as situações competitivas como ameaçadoras e geralmente é acompanhada por respostas cognitivas (por exemplo: pensamentos negativos, diminuição da concentração, preocupação com o desempenho), fisiológicas (por exemplo: aumento da frequência cardíaca, ventilação pulmonar acelerada, sudorese) e comportamentais (por exemplo: inquietação, evitação de contato visual, movimentos repetitivos) que ocorrem antes ou durante as competições esportivas (Ford et al., 2017; Patel, Omar & Terry, 2010; Rocha & Osório, 2018).

Apesar da ansiedade ser um fenômeno comumente vivenciado pelos atletas independentemente do seu nível competitivo (Ford et al., 2017), esse estado emocional pode ser prejudicial ao desempenho esportivo quando ocorre de maneira desproporcional e desadaptativa em relação a um evento estressante e potencialmente ansiogênico (Patel, Omar & Terry, 2010). A competição é descrita como uma situação estressante que pode influenciar na percepção de ansiedade competitiva (Paludo et al., 2022). Fatores ambientais como o local do jogo, nível de exigência da partida e fase da competição podem provocar um aumento no estado de ansiedade que desencadeiam respostas psicofisiológicas capazes de interferir no desempenho (Paludo et al., 2022). Por isso, a manutenção de um equilíbrio psicológico é fundamental para o desempenho dos atletas (Clemente et al., 2017).

Conforme a teoria da ansiedade multidimensional (Martens, Vealey & Burton, 1990), a ansiedade competitiva é constituída por três dimensões: i) a ansiedade cognitiva, que representa o aspecto mental da ansiedade, caracterizado por pensamentos negativos e preocupação (Ong & Chua, 2021); ii) ansiedade somática, que está relacionada aos elementos afetivos e fisiológicos da experiência de ansiedade associados à ativação do sistema nervoso autônomo (Fortes et al., 2018), responsável por respostas da função autonômica como o aumento da frequência cardíaca; e iii) a autoconfiança, que é definida como o estado oposto da ansiedade cognitiva, isto é, a crença por parte do indivíduo nas suas capacidades para obter um desempenho positivo (Paludo et al., 2016).

A resposta emocional dos atletas é influenciada pelas características individuais como o sexo e pelo contexto do esporte como a experiência e modalidade esportiva em relação à competição (Hagan, Pollmann & Schack, 2017). Considerando as particularidades de cada modalidade esportiva, como individual ou coletiva, torna-se relevante compreender as possíveis variações na avaliação da ansiedade competitiva em função do tipo de esporte praticado pelos atletas (Fernandes et al., 2014).

Estudos têm destacado que variáveis como o sexo, modalidade esportiva e nível competitivo podem influenciar na percepção dos sintomas de ansiedade competitiva (Fernandes, Nunes, Vasconcelos-Raposo et al., 2013; Marín-González et al., 2022). Apesar da ansiedade competitiva ter sido avaliada em diferentes modalidades como tênis (Hagan et al., 2017), futebol (Fortes et al., 2018), handebol (Nascimento Junior et al., 2016), natação (Pineda-Espejel et al., 2020) e Muaythai (Contessoto et al., 2021), ainda não há um consenso em relação à percepção da ansiedade competitiva no vôlei (Fortes et al., 2019; Paes et al., 2017), principalmente em relação à influência da variável sexo (Barbosa-Granados et al., 2022).

Resultados preliminares sugerem que a ansiedade cognitiva está relacionada negativamente com a tomada de decisão do saque, da recepção e do levantamento em atletas masculinos de vôlei (Fortes et al., 2019). Além disto, passes perdidos, erros de tempo e falhas de coordenação são mais comuns quando os atletas sentem ansiedade (Şekeroğlu, 2019). Por outro lado, atletas de vôlei com altos níveis de autoconfiança tendem a perceber as dimensões de ansiedade como facilitadoras do seu desempenho, sendo

que a autoconfiança parece contribuir também para uma melhor regulação da coesão grupal entre esses atletas (Paes et al., 2017).

Em relação à variável sexo no contexto esportivo, atletas do sexo masculino tendem a relatar níveis mais baixos de ansiedade cognitiva e uma melhor percepção de autoconfiança do que atletas do sexo feminino (Fernandes et al., 2013). Além disto, é provável que atletas do sexo feminino apresentem maior nível de ansiedade competitiva em comparações com os homens (Kemarat et al., 2022). No entanto, ainda não está claro se as características individuais como o sexo dos atletas de vôlei podem influenciar na percepção da ansiedade competitiva em um contexto de esporte amador.

Compreender como as características e o contexto que o atleta está inserido influenciam na percepção de ansiedade pode contribuir para o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção que atendam às necessidades específicas de cada modalidade (Rocha & Osório, 2018). Diante desses cenários, os objetivos do estudo foram: 1) identificar as dimensões de ansiedade (ansiedade cognitiva, ansiedade somática e autoconfiança) mais percebidas entre os atletas amadores de vôlei nos seus níveis de resposta intensidade, direção e frequência e 2) analisar o efeito da variável sexo na percepção das dimensões da ansiedade de atletas amadores de vôlei. As hipóteses do presente estudo foram: a) existe uma diferença na percepção das dimensões de ansiedade em seus níveis de resposta para intensidade, direção e frequência e b) atletas do sexo feminino apresentam uma maior percepção de ansiedade em relação aos atletas do sexo masculino.

## Método

### Desenho do estudo

Esta pesquisa de caráter transversal se caracterizou como descritiva e de aspecto quantitativo, que objetivou coletar informações sobre um parâmetro de estudo em amostra numa perspectiva comparativa (Ato, López & Benavente, 2013), buscando ampliar as evidências sobre a influência da variável sexo na percepção de ansiedade competitiva em atletas amadores de vôlei.

### Participantes

Participaram do estudo 62 atletas amadores de voleibol com média de idade de  $30 \pm 9$  anos, média de tempo de prática igual a  $12 \pm 9$  anos, média de dias de treinamento semanal igual a  $3 \pm 1$  dias por semana. Desse total, 25 eram homens, com média de idade de  $26 \pm 7$  anos, tempo de prática de  $10 \pm 9$  anos e dias de treinamentos por semana igual a  $3 \pm 1$  dias. Além disso, 37 eram mulheres com média de idade de  $32 \pm 9$  anos, tempo de prática igual a

$14 \pm 9$  e média de treinamentos de  $3 \pm 1$  dias por semana. Os atletas eram integrantes de oito equipes da categoria adulto, sendo quatro equipes masculinas e quatro equipes femininas, que disputaram o Campeonato Intermunicipal de Seleções (Copa do Interior) em 2020 na cidade de Castanhal-PA, no Brasil. A amostragem do estudo foi não probabilística e por conveniência.

### Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: i) questionário sociodemográfico, contendo informações como nome, idade, sexo, tempo de prática, campeonatos que participou e treinos por semana; e ii) o questionário CSAI-2 (*Competitive State Anxiety Inventory – 2*) na sua versão reduzida CSAI-2R.

O instrumento CSAI-2R foi validado para o contexto esportivo brasileiro com a adição das dimensões de respostas de direção e frequência (Fernandes et al., 2013). Esse modelo vem sendo amplamente estudado na perspectiva multidimensional (Fortes et al., 2019; Pineda-Espejel et al., 2020; Swettenham et al., 2020) com o intuito de analisar como os aspectos psicológicos de um atleta podem influenciar no seu desempenho. O CSAI-2R (Fernandes et al., 2013; Silva-Rocha et al., 2019) possui 16 itens que medem as três dimensões da ansiedade, sendo: cinco itens relacionados à ansiedade cognitiva (p. ex.: Estou preocupado porque posso não render tão bem como poderia nesta competição), seis itens relacionados à ansiedade somática (p. ex.: Sinto tensão no meu estômago) e cinco itens relacionados à autoconfiança (p. ex.: Sinto-me autoconfiante). A dimensão de intensidade é respondida em uma escala *Likert* de 4 pontos, variando de 1 (nada) a 4 (muito). A dimensão de direção é respondida em uma escala *Likert* bipolar de 7 pontos, variando de -3 (dificulta muito) a +3 (facilita muito). A dimensão de frequência é respondida em uma escala *Likert* de 7 pontos, variando de 1 (nunca) a 7 (sempre).

### Procedimentos

O presente estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Pará, Brasil, conforme parecer nº 33635220.3.0000.0018. Primeiramente, foi realizado um contato prévio com a comissão técnica e treinadores para a explanação do estudo, que posteriormente autorizaram a participação dos atletas na pesquisa. Os atletas foram informados dos objetivos da pesquisa e na sequência assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assegurados da confidencialidade de todos os dados recolhidos. Por fim, o pesquisador responsável pela coleta (LG) explicou todos os procedimentos a serem seguidos para preenchimento dos instrumentos. As coletas

ocorreram no local de competição, em um ambiente reservado e livre de ruído. Todo o processo de coleta de dados foi supervisionado pelo pesquisador (LG), que forneceu suporte aos participantes sempre que necessário. O questionário CSAI-2R foi preenchido uma hora antes de cada partida, conforme orientação da literatura (Fernandes et al., 2013b), tendo em vista que é nesse período próximo da competição que ocorrem as flutuações nos níveis de ansiedade. A coleta de dados ocorreu em quatro partidas válidas pela fase classificatória do Campeonato Paraense Intermunicipal adulto, realizada no município de Castanhal-PA, no Brasil.

### Análise de dados

A verificação da normalidade dos dados foi realizada por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov, apontando uma distribuição não paramétrica dos dados. Foram utilizados mediana (Md) e quartis (Q1; Q3) para a descrição dos resultados. Para verificar se alguma dimensão de ansiedade foi mais percebida entre os atletas utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis com um *post-hoc* de Bonferroni. Para análise de comparação entre os grupos de homens e mulheres foi utilizado o teste U de Mann-Whitney. O tamanho do efeito foi calculado usando o Eta ao quadrado ( $\eta^2$ ) para múltiplas comparações na percepção das dimensões de ansiedade, com valores de 0.000 a 0.003 indicando nenhum efeito, de 0.010 a 0.039 indicando um pequeno efeito, de 0.060 a 0.110 indicando um efeito intermediário, e de 0.140 a 0.200 indicando um grande efeito (Cohen, 1988). O *d* de Cohen foi usado para comparações entre os grupos homens e mulheres, com valores definidos como pequeno de 0.2 a 0.4, de 0.5 a 0.7 como médio e de 0.8 a «» 1.0 como grande para o tamanho de efeito (Cohen, 1988). As estimativas do tamanho do efeito são úteis para determinar a importância prática ou teórica de um determinado efeito (Fritz, Morris & Richler, 2012). Os dados foram analisados pelo SPSS na versão v.26 e o nível de significância adotado foi  $p < 0.05$ .

## Resultados

A Tabela 1 apresenta os dados descritivos e inferenciais das comparações entre as dimensões de ansiedade competitiva da amostra total. De acordo com os resultados, a autoconfiança foi a dimensão mais percebida pelos atletas, sendo significativamente maior quando comparada às dimensões de ansiedade cognitiva e somática, com um tamanho de efeito grande. Além disso, também houve diferença significativa na dimensão de ansiedade cognitiva em comparação à ansiedade somática nos níveis de resposta de intensidade e frequência, com um tamanho de efeito pequeno e moderado respectivamente.

Os resultados apresentados na Tabela 2 mostram que não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de homens e mulheres em nenhuma das subescalas do instrumento utilizado. Independentemente do sexo, todos os atletas apresentaram altos índices da dimensão de autoconfiança.

## Discussão

O presente estudo teve como objetivos identificar as dimensões de ansiedade (ansiedade cognitiva, ansiedade somática e autoconfiança) mais percebidas entre os atletas amadores de vôlei nos seus níveis de resposta (intensidade, direção e frequência), além de analisar o efeito da variável sexo na percepção das dimensões da ansiedade. De modo geral, a autoconfiança foi mais percebida que a ansiedade cognitiva e a ansiedade somática nas respostas de intensidade, direção e frequência entre os atletas amadores de voleibol confirmando a primeira hipótese. Refutando a segunda hipótese, não foram encontradas diferenças para nenhuma das dimensões de ansiedade entre os grupos feminino e masculino.

Os resultados demonstraram que a dimensão de autoconfiança foi a mais percebida entre os atletas amadores de voleibol, em todos os três níveis de resposta

Tabela 1  
Dados descritivos e inferenciais das comparações entre as dimensões de ansiedade competitiva

Dimensão	Md (Q1 – Q3)	Kruskal-Wallis	<i>post-hoc</i>	$\eta^2$	<i>p</i>
<b>Intensidade</b>					
Ansiedade cognitiva	2.2 (1.6 – 2.6)	$p < 0.001^*$	AC vs AS	0.057	0.001*
Ansiedade somática	2.0 (1.0 – 2.0)		AC vs AU	0.403	<0.001*
Autoconfiança	3.0 (2.6 – 3.6)		AS vs AU	0.628	<0.001*
<b>Direção</b>					
Ansiedade cognitiva	-0.3 (-1.2 – 0.0)	$p < 0.001^*$	AC vs AS	0.021	0.124
Ansiedade somática	0.0 (-1.0 – 0.0)		AC vs AU	0.410	<0.001*
Autoconfiança	1.9 (0.8 – 2.6)		AS vs AU	0.368	<0.001*
<b>Frequência</b>					
Ansiedade cognitiva	2.8 (2.0 – 3.4)	$p < 0.001^*$	AC vs AS	0.107	0.012*
Ansiedade somática	2.0 (1.3 – 2.5)		AC vs AU	0.355	<0.001*
Autoconfiança	5.0 (3.8 – 6.4)		AS vs AU	0.527	<0.001*

Nota: AC= Ansiedade Cognitiva, AS= Ansiedade Somática, AU= Autoconfiança,  $\eta^2$ = Eta Quadrado, IC 95%= Intervalo de confiança, Md= Mediana, Q1= 1º Quartil, Q3= 3º Quartil, \* =  $p < 0.05$ .

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2  
 Comparação das dimensões de ansiedade entre os grupos de homens e mulheres

Dimensão	Mulheres (N=37) Homens (N=25)		U	p	d	IC95%
	Md (Q1 – Q3)	Md (Q1 – Q3)				
<b>Intensidade</b>						
Ansiedade cognitiva	2.2 (1.6 – 2.6)	2.2 (1.8 – 2.6)	442.5	0.77	0.1	(0.35 - 0.65)
Ansiedade somática	2.0 (1.0 – 2.0)	2.0 (1.0 – 2.0)	443.0	0.65	0.5	(0.03 - 1.07)
Autoconfiança	3.0 (2.6 – 3.8)	3.0 (2.7 – 3.4)	433.5	0.67	0.1	(-0.69 - 0.32)
<b>Direção</b>						
Ansiedade cognitiva	-0.8 (-1.3 – 0.0)	-0.2 (-0.8 – 0.0)	402.5	0.38	0.2	(-0.24 - 0.77)
Ansiedade somática	0.0 (-1.0 – 0.0)	0.0 (-0.4 – 0.0)	421.0	0.52	0.1	(-0.39 - 0.62)
Autoconfiança	1.8 (0.4 – 2.9)	2.0 (0.9 – 2.4)	448.5	0.84	0.0	(-0.43 - 0.58)
<b>Frequência</b>						
Ansiedade cognitiva	2.8 (2.0 – 3.7)	2.6 (2.0 – 3.3)	430.0	0.64	0.2	(-0.75 - 0.26)
Ansiedade somática	2.0 (1.3 – 2.8)	2.0 (1.6 – 2.4)	450.5	0.86	0.0	(-0.59 - 0.41)
Autoconfiança	5.6 (3.9 – 6.6)	4.8 (3.8 – 6.2)	421.0	0.55	0.1	(-0.63 - 0.38)

Nota. Md= Mediana, Q1= 1º Quartil, Q3= 3º Quartil, d = tamanho do efeito, IC95% = Intervalo de confiança, U = Valor U de Mann Whitney.

Fonte: Elaboração própria.

do CSAI-2R (intensidade, direção e frequência). De acordo com a Teoria Multidimensional da Ansiedade (Martens, Vealey & Burton, 1990), atletas que possuem um bom indicativo para autoconfiança tendem a sentir menos os efeitos negativos da ansiedade. Ou seja, a autoconfiança atua como um fator protetor contra a avaliação negativa da ansiedade competitiva (Hagan et al., 2017). Esse achado está de acordo com os resultados do presente estudo e corrobora outros resultados encontrados na literatura (Fernandes et al., 2014; Fortes et al., 2019; Hagan et al., 2017; Tertuliano et al., 2019).

Atletas amadores podem apresentar níveis baixos de ansiedade somática e cognitiva e níveis mais elevados de autoconfiança, possivelmente por uma menor cobrança percebida (Paes et al., 2017), conforme os participantes do presente estudo. Além disto, atletas com altos níveis de autoconfiança tendem a relatar baixos níveis de ansiedade cognitiva e somática, independente da modalidade praticada (Fernandes et al., 2013). A autoconfiança tem sido descrita como uma possível variável preditora e/ou moderadora do desempenho esportivo (Paludo et al., 2016). Por exemplo, enquanto que a ansiedade cognitiva e somática podem prejudicar e diminuir o desempenho na tomada de decisão, a autoconfiança pode contribuir para um efeito positivo na melhora desse componente cognitivo em atletas de futsal e vôlei (Fortes, et al., 2018; Fortes, et al., 2019).

Dessa forma, considerando que a ansiedade pode modular redes atencionais, provocando um comprometimento da função executiva, diminuição do processamento de estímulos e seleção de informações, que são componentes cognitivos importantes para o desempenho (Rice et al., 2019), torna-se importante que a comissão técnica responsável pelos atletas proporcionem um ambiente adequado e forneçam recursos e intervenções que promovam a regulação e o desenvolvimento da autoconfiança no contexto esportivo (Fernandes et al., 2013).

Em relação à possível interferência da variável sexo, as análises realizadas não apresentaram diferenças em nenhuma dimensão. Ou seja, os atletas demonstraram baixos índices de ansiedade somática e cognitiva independentemente do sexo. Esses resultados divergem de alguns achados na literatura (Borrego, Cid & Silva, 2012; Englert & Seiler, 2020; Muhammad, Khan & Khan, 2020; Nascimento Junior et al., 2016). No geral, atletas do sexo feminino com baixa experiência esportiva e/ou idade mais jovem tendem a relatar níveis mais altos de ansiedade competitiva (Rice et al., 2019; Rocha & Osório, 2018), enquanto que atletas masculinos com alta experiência competitiva relatam níveis mais elevados de autoconfiança (Fernandes et al., 2013). Além disto, mulheres demonstram maiores níveis de ansiedade cognitiva e somática antes do primeiro jogo de handebol, indicando que mulheres podem vivenciar de forma mais intensa os sintomas fisiológicos e mentais da ansiedade (Nascimento Junior et al., 2016). Tal achado pode ocorrer em razão das diferentes percepções das demandas da competição, o que leva a interpretações das situações de pressão de distintas maneiras por homens e mulheres (Borrego et al., 2012).

Apesar dos resultados não demonstrarem uma influência da variável sexo na percepção de ansiedade em atletas amadores de vôlei, a preocupação com o mau desempenho nos esportes tende a ser maior em atletas do sexo feminino, o que pode contribuir para uma maior percepção de ansiedade por parte das atletas (Patel, Omar & Terry, 2010). Por outro lado, atletas do sexo masculino relatam níveis mais elevados de interrupção da concentração em situações competitivas em comparação com as atletas do sexo feminino (Patel et al., 2010), demonstrando que ainda não há um consenso em relação à influência da variável sexo na percepção da ansiedade competitiva devido aos resultados heterogêneos encontrados na literatura (Fernandes et al., 2014; González-Hernández et al., 2020; Tertuliano et al., 2019).

É provável que a percepção negativa da ansiedade possa ser influenciada pelo nível de experiência competitiva, sendo que quanto maior a experiência e/ou idade do atleta, menores serão os níveis de ansiedade cognitiva e somática (Rice et al., 2019; Rocha & Osório, 2018). Atletas que possuem níveis de habilidades e experiência esportiva semelhantes tendem a não apresentar diferenças na percepção de autoconfiança, independentemente da variável sexo (Hagan et al., 2017). Dessa forma, o fato dos atletas amadores de voleibol do presente estudo apresentarem níveis semelhantes de experiência competitiva pode ter contribuído para que não houvesse diferença na percepção de ansiedade entre os grupos feminino e masculino. Resultado semelhante ao encontrado em nadadores de águas abertas (Tertuliano et al., 2019), sugerindo que as diferenças de sexo podem não influenciar diretamente a percepção de ansiedade. Portanto, é possível que o maior envolvimento esportivo dessas atletas explique em parte a ausência de diferença na percepção de ansiedade competitiva em relação à variável sexo (Hagan et al., 2017).

Este estudo possui algumas limitações. Primeiramente, a ansiedade competitiva é caracterizada pela ansiedade estado. Por se tratar de uma coleta de caráter transversal ocorrida em apenas uma partida, a ansiedade estado dos atletas (ansiedade cognitiva e ansiedade somática) poderia ser diferente durante o decorrer do campeonato. Outro aspecto diz respeito ao número reduzido da amostra. Dessa forma, os resultados encontrados devem ser interpretados com cautela. Recomendamos a realização de estudos longitudinais para uma avaliação mais abrangente da ansiedade e suas dimensões, pois os níveis de ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança podem variar ao longo de um período competitivo (Hagan et al., 2017). Além disto, são necessárias mais pesquisas sobre os aspectos neurobiológicos da ansiedade competitiva em atletas, sendo que a compreensão dos fatores associados à ansiedade no contexto esportivo podem fornecer informações úteis para intervenção preventiva ou manejo da ansiedade competitiva na fase aguda (Rice et al., 2019).

### Aplicação prática

Esses resultados são importantes para que a comissão técnica das equipes, juntamente com um psicólogo do esporte, desenvolvam programas educacionais e treinamentos para que os atletas possam desenvolver estratégias de enfrentamento e processos de avaliação cognitiva e comportamental mais adaptativos (Hagan et al., 2017). Como todos apresentaram bons níveis de autoconfiança, esse fator pode ser um facilitador do seu desempenho, contribuindo para uma menor

percepção dos efeitos negativos da ansiedade. Alguns dos fatores psicológicos que devem ser considerados visando à melhora da autoconfiança e da percepção de ansiedade incluem a autorregulação, manutenção da motivação autodeterminada, autoconfiança e estratégias de enfrentamento adaptativas, assim como o apoio social e satisfação das necessidades psicológicas básicas (Rice et al., 2019). No que diz respeito à variável sexo, tais achados sugerem que não é necessária uma preparação psicológica distinta no manejo da ansiedade entre os atletas de vôlei.

### Conclusão

A autoconfiança foi a dimensão da ansiedade mais percebida pelos atletas amadores de vôlei nas três dimensões de resposta do construto. Em consequência disso, os atletas apresentaram baixos índices para os efeitos negativos da ansiedade. A segunda dimensão mais percebida foi a ansiedade cognitiva, nas dimensões de resposta de intensidade e frequência, em relação à ansiedade somática. Por fim, não foram observadas diferenças em nenhuma dimensão de resposta em relação à variável sexo.

### Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

### Agência de fomento

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/PROPEP - UFPA) e PROPEP/Universidade Federal do Pará (PAPQ).

### Referências

- Ato, M., López, J. J., & Benavente, A. (2013). A classification system for research designs in psychology. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 29(3), 1038–1059. <https://doi.org/10.6018/analesps.29.3.178511>
- Barbosa-Granados, S., Arenas-Granada, J., Urrea, H., García-Más, A., Reyes-Bossio, M., Herrera-Velásquez, D., Nanez, J., & Aguirre-Loaiza, H. (2022). Precompetitive anxiety in young swimmers: analysis of the perceived competition difficulty. *Retos*, 45, 651–659. <https://doi.org/10.47197/retos.v45i0.90934>
- Borrego, C. C., Cid, L., & Silva, C. (2012). Relationship between group cohesion and anxiety in soccer. *Journal of Human Kinetics*, 34(1), 119–127. <https://doi.org/10.2478/v10078-012-0071-z>
- Clemente, K. A. P., Souza, J. I. de, Fernandes, R. L. L. P., & Silva, A. M. B. da. (2017). Ansiedade no Contexto Esportivo e de Exercício Físico: uma revisão sistemática. *Psicologia Argumento*, 35(90), 1–19.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioural Science* (2nd Edition). In *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*.
- Contessoto, L. C., Costa, L. C. A. Anversa, A. L. B., & Refundini, L. B. (2021). Análise do nível de ansiedade pré-competitiva em atletas juvenis e adultos praticantes de Muaythai. *Retos*, 40, 209–215. <https://doi.org/10.47197/retos.v1i40.79849>

- Englert, C., & Seiler, R. (2020). Anxiety and volleyball performance in a real testing situation: gender differences in competitive environments. *Educational Psychology, 40*(6), 735–749. <https://doi.org/10.1080/01443410.2019.1706723>
- Fernandes, M. G., Nunes, S. A. N., Raposo, J. V., & Fernandes, H. M. (2014). Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em atletas de desportos individuais e coletivos. *Motricidade, 10*(2), 81–89. [https://doi.org/10.6063/motricidade.10\(2\).2930](https://doi.org/10.6063/motricidade.10(2).2930)
- Fernandes, M. G., Nunes, S. A. N., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. M. (2013). Factors influencing competitive anxiety in Brazilian athletes. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, 15*(6), 705–714. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2013v15n6p705>
- Fernandes, M. G., Nunes, S. A., Raposo, J. V., Fernandes, H. M., & Brustad, R. (2013). The CSAI-2: An Examination of the Instrument's Factorial Validity and Reliability of the Intensity, Direction and Frequency Dimensions with Brazilian Athletes. *Journal of Applied Sport Psychology, 25*(4), 377–391. <https://doi.org/10.1080/10413200.2012.744780>
- Ford, J., Ildefonso, K., Jones, M., & Arvinen-Barrow, M. (2017). Sport-related anxiety: current insights. *Open Access Journal of Sports Medicine, Volume 8*, 205–212. <https://doi.org/10.2147/oajsm.s125845>
- Fortes, L. D. S., De Lima, R. C. R., Almeida, S. S., Fonseca, R. M. C., Paes, P. P., & Ferreira, M. E. C. (2018). Effect of competitive anxiety on passing decision-making in under-17 soccer players. *Paideia, 28*(69), 1–7. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2820>
- Fortes, L. de S., Fiorese, L., Andrade Nascimento-Júnior, J. R., Almeida, S. S., & Ferreira, M. E. C. (2019). Efeito da Ansiedade Competitiva sobre a Tomada de Decisão em Jovens Atletas de Voleibol. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 35*, 1–8. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3538>
- Fritz, C. O., Morris, P. E., & Richler, J. J. (2012). Effect size estimates: Current use, calculations, and interpretation. *Journal of Experimental Psychology: General, 141*(1), 2–18. <https://doi.org/10.1037/A0024338>
- González-Hernández, J., Gomariz-Gea, M., Valero-Valenzuela, A., & Gómez-López, M. (2020). Resilient resources in youth athletes and their relationship with anxiety in different team sports. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(15), 1–11. <https://doi.org/10.3390/ijerph17155569>
- Hagan, J. E., Pollmann, D., & Schack, T. (2017). Interaction between gender and skill on competitive state anxiety using the time-to-event paradigm: What roles do intensity, direction, and frequency dimensions play? *Frontiers in Psychology, 8*(MAY), 1–13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00692>
- Kemarat, S., Theanthong, A., Yeemin, W., & Suwankan, S. (2022). Personality characteristics and competitive anxiety in individual and team athletes. *PLOS ONE, 17*(1), e0262486. <https://doi.org/10.1371/JOURNAL.PONE.0262486>
- Marín-González, F. H., Portela-Pino, I., Fuentes-García, J. P., & Martínez-Patiño, M. J. (2022). Relationship between Sports and Personal Variables and the Competitive Anxiety of Colombian Elite Athletes of Olympic and Paralympic Sports. *International Journal of Environmental Research and Public Health 2022, Vol. 19, Page 7791, 19*(13), 7791. <https://doi.org/10.3390/IJERPH19137791>
- Martens, R., Vealey, R. S., & Burton, D. (1990). *Competitive anxiety in sport*.
- Muhammad, N., Khan, M., & Khan, W. (2020). Effect of different types of Anxiety on Athletes Performance; Planning and Managing Strategy to cope with Athletes' Anxiety. *City University Research Journal, 10*(3), 471–486.
- Nascimento Junior, J. R. A., Balbim, G. M., Vissoci, J. R. N., Moreira, C. R., Passos, P. C. B., & Vieira, L. F. (2016). Análise das Relações entre Ansiedade-Estado e Coesão de Atletas de Handebol. *Psicologia - Teoria e Prática, 18*(2), 89–102. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v18n2p89-102>
- Nogueira, F. C. de A., Filho, M. G. B., & Lourenço, L. M. (2019). Application of izof model for anxiety and self-efficacy in volleyball athletes: A case study. *Revista Brasileira de Medicina Do Esporte, 25*(4), 338–343. <https://doi.org/10.1590/1517-869220192504211038>
- Ong, N. C. H., & Chua, J. H. E. (2021). Effects of psychological interventions on competitive anxiety in sport: A meta-analysis. *Psychology of Sport and Exercise, 52*(April 2020), 101836. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101836>
- Paes, M. J., Machado, T. D. A., Berbetz, S. R., & Stefanello, J. M. F. (2017). Frequência, Intensidade e Direção da Ansiedade e sua Relação com a Coesão Grupal em uma Equipe de Voleibol Infanto-Juvenil Masculina. *Revista Brasileira de Psicologia Do Esporte, 6*(3), 46–56. <https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i3.7276>
- Paludo, A. C., Nunes, S. A. N., Simões, A. C., & Fernandes, M. G. (2016). Relação entre ansiedade competitiva, autoconfiança e desempenho esportivo. *Psicologia Argumento, 34*(85), 156–169. <https://doi.org/10.7213/psicol.argument.34.085.AO06>
- Paludo, A. C., Woodman, T., Owen, J. A., Rabelo, F. N., Bernaciková, M., & Simões, A. C. (2022). Pre-competitive anxiety and autonomic responses in professional U-20 futsal players: Effect of the competition phase and game location. *Physiology & Behavior, 254*, 113903. <https://doi.org/10.1016/J.PHYSBEH.2022.113903>
- Patel, D. R., Omar, H., & Terry, M. (2010). Sport-related Performance Anxiety in Young Female Athletes. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology, 23*(6), 325–335. <https://doi.org/10.1016/j.jpjg.2010.04.004>
- Peng, F., & Zhang, L. W. (2021). The Relationship of Competitive Cognitive Anxiety and Motor Performance: Testing the Moderating Effects of Goal Orientations and Self-Efficacy Among Chinese Collegiate Basketball Players. *Frontiers in Psychology, 12*, 1965. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.685649/BIBTEX>
- Pineda-Espejel, H. A., Trejo, M., García, K. B., Garza, K. J., Vázquez-Jiménez, G., Machado-Contreras, J. R., Mejía-León, M. E., & Rodríguez, S. (2020). Salivary cortisol response and precompetitive anxiety in swimmers. *Retos, 83*, 1–7.
- Rice, S. M., Gwyther, K., Santesteban-Echarri, O., Baron, D., Gorczyński, P., Gouttebarge, V., Reardon, C. L., Hitchcock, M. E., Hainline, B., & Purcell, R. (2019). Determinants of anxiety in elite athletes: a systematic review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine, 53*(11), 722–730. <https://doi.org/10.1136/bjsports-2019-100620>
- Rocha, V. V. S., & Osório, F. de L. (2018). Associations between competitive anxiety, athlete characteristics and sport context: Evidence from a systematic review and meta-analysis. *Revista de Psiquiatria Clínica, 45*(3), 67–74. <https://doi.org/10.1590/0101-60830000000160>
- Şekeroğlu, M. Ö. (2019). An Examination of the Pre-competition and Post-competition State Anxiety Levels of Russian Women's National Volleyball Team Athletes. *Journal of Education and Training Studies, 7*(5), 19. <https://doi.org/10.11114/jets.v7i5.4185>
- Silva-Rocha, V. V., de Sousa, D. A., & Osório, F. L. (2019). Psychometric properties of the Brazilian version of the Sport Anxiety Scale-2. *Frontiers in Psychology, 10*(MAR), 1–9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00806>
- Swettenham, L., Eubank, M., Won, D., & Whitehead, A. E. (2020). Investigating stress and coping during practice and competition in tennis using think aloud. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 18*(2), 218–238. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2018.1511622>
- Tertuliano, I. W., Buzeto, F. K., Oliveira, V. de, Machado, A. A., & Montiel, J. M. (2019). Os efeitos da idade e do sexo no nível de ansiedade de nadadores de águas abertas. *Conexões, 17*, e019021. <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8655148>